

REFLEXÕES SOBRE BIBLIOTECAS E LEITURA COM ALBERTO MANGUEL

 Silvia Ines Coneglian Carrilho de Vasconcelos¹

 Erica de Lima Kafer²



MANGUEL, Alberto. **Encaixotando minha biblioteca**: Uma elegia e dez digressões. Companhia das Letras, 2021.

1. Professora Doutora do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e do PROFLETRAS da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: silviaconeglian@terra.com.br.

2. Graduada em Biblioteconomia. Universidade Federal de Santa Catarina.

Recebido em: 15/12/2021

Aprovado em: 17/03/2022



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Alberto Manguel (1948) nasceu em Buenos Aires, na Argentina. Por ser filho de diplomata, mudou-se muito jovem para a Europa para estudar, mas logo assumiu, como ele mesmo diz, uma vida nômade. Esteve em diversos países como França, Espanha, Inglaterra e Canadá. Na sua juventude, lia para Jorge Luís Borges. Manguel é um escritor de ficção e não ficção. Publicou diversos livros: “Uma história natural da curiosidade” (2016), “Todos os homens são mentirosos” (2008), “A biblioteca à noite” (2006), “Uma história da leitura” (1996), entre outros. “Encaixotando minha biblioteca: uma elegia e dez digressões” fala sobre a relação de Manguel com os livros. Ele retrata sua experiência de encaixotar sua tão estimada

biblioteca na França em 2015. O autor apresenta nas dez digressões não apenas seu amor pelos livros, mas também reflexões acerca da importância das bibliotecas e da leitura para a sociedade. É um livro que interessa a bibliotecários, escritores e amantes de livros e/ou bibliotecas.

Alberto Manguel começa descrevendo sua casa na França e sua enorme biblioteca particular. Como se estivesse em uma conversa casual com o leitor, transmite nas palavras escritas sua paixão pela biblioteca: “Muitas vezes senti que minha biblioteca explicava quem eu era” (p. 16). Ele exprime sua tristeza ao ter que encaixotar novamente seus livros e ver o espaço vazio onde eles deveriam estar, porém é a consequência de sua vida nômade. Por essa razão ele usa o termo “elegia” que remete a essa tristeza ao encaixotar a biblioteca.

Este livro não mente em sua sinopse quando diz ser uma “Grande declaração de amor aos livros e à leitura”. Se o livro é uma grande declaração, quem o lê é a testemunha. O autor separa seu livro em digressões no lugar dos capítulos, pois ele divaga enquanto conta sua história. Esses devaneios favorecem a sensação de estar em uma conversa. Nessas digressões, há reflexões sobre o incêndio da Biblioteca de Alexandria, sobre escritores e sua tarefa de encontrar as palavras certas. Mas há sempre um ponto em comum: o amor pelos livros e discussões relativas à leitura e à sociedade.

Manguel, em suas digressões, nos conta sobre o convite para regressar a Buenos Aires com o objetivo de trabalhar como diretor na Biblioteca Nacional do país em que nasceu. O argentino expõe as dificuldades que enfrentou nessa fase: “De um dia para o outro, tornei-me contador, técnico, advogado, arquiteto, eletricitista [...]” (p.152). Para além das dificuldades, ele levanta um debate sobre a leitura incentivar ou não a formação de cidadãos éticos. O autor estimula a reflexão usando perguntas instigantes e conclusões muito bem elaboradas, sempre fundamentadas em referências tiradas da literatura. O livro traz temas relevantes para bibliotecários sobre a importância da biblioteca ser inclusiva, e isso envolve ter meios para que não alfabetizados possam aproveitá-la. Sobre a formação de leitores, “O único método comprovado de fazer nascer um leitor é um que ainda não foi descoberto, que eu saiba” (p. 165).

A mais nova publicação de Alberto Manguel é mais que apenas uma autobiografia, é o transbordar de experiências esperadas de um leitor tenaz, dono de uma biblioteca particular extremamente rica em quantidade e qualidade. Durante a leitura, deparamo-nos com diversas referências que o autor usa para fundamentar seus argumentos, desde Platão, Sófocles até Cervantes, Kafka e Dostoiévski.

Enfim, ler “Encaixotando minha biblioteca” é como ter um diálogo com Manguel, é poder ouvir suas vivências e, quem sabe, aprender um pouco com elas. Mesmo possuindo.